

## ENTREVISTA DE DOMINGO

## Ricardo Abramovay

# “Nossos governos planejam as cidades para os carros, não para as pessoas”

—Especialista em meio ambiente defende um consumo mais consciente e ético como forma de preservar a natureza e garantir que recursos naturais não cheguem ao fim, problemas que afetam a todos

CLÁUDIA FELIZ  
cfeliz@redgazeta.com.br

Filósofo graduado na França, mestre em Ciência Política e doutor em Sociologia, Ricardo Abramovay, 58, construiu sua carreira como professor de faculdade de Economia. Dá aula de Sociologia da Vida Econômica, na USP, e já publicou dois livros — “Construindo a Ciência Ambiental” e “O Futuro das Regiões Rurais” — sobre uma área que domina como poucos: meio ambiente. Em Vitória, a convite do Projeto Ano das Florestas, Abramovay alertou sobre a necessidade de todos se empenharem para garantir a preservação do planeta, a partir de ações individuais, como abrir mão do carro em favor do ônibus. Também tocou num “ponto nevrálgico” para os capixabas: a partilha de royalties do petróleo.

**Por que, embora nos assuste a degradação ambiental, ações práticas de preservação do planeta parecem tão distantes de muita gente?**

Num certo sentido, estão mesmo. O derretimento das geleiras no Ártico, o encolhimento da camada de ozônio, as queimadas nas florestas, ou ainda as chuvas torrenciais que provocaram destruição em Teresópolis, tudo isso está distante enquanto não vivemos nesses locais. Mas uma das características mais importantes das sociedades contemporâneas é que o impacto do crescimento do sistema econômico sobre os ecossistemas vai se tornando tão grande, que cada vez mais gente é diretamente atingida. O número de refugiados climáticos previsto, caso a temperatura se eleve acima dos dois graus, se conta aos milhões.

**Em quanto tempo?**

Em 2050. E para que evitemos situações catastróficas, em termos de aquecimento global, todo mundo vai ter que participar do processo de redução. Mas estamos numa direção contrária, ascendente, porque emitimos cada vez mais.

**Carros contribuem muito com emissões na atmosfera?**

No site do World Business Council for Sustainable Development, a Shell diz que temos que nos preparar para um mundo com mais 1 bilhão de carros em 2030 — superior a 2 bilhões em 2050. Mas devemos mesmo é nos preparar para isso não acontecer. O veículo individual é o pior método de garantir mobilidade nas regiões metropolitanas. Em torno dele é que se organizam alguns dos mais poderosos interesses na manutenção daquilo que o sistema econômico tem de pior, que é consumo de materiais, ocupação indevida de espaços, e consumo de energias que deveriam ser usadas para outras finalidades.

**Carro é objeto de desejo de 10 entre 10 pessoas. E o governo brasileiro estimulou o aumento da frota com redução de imposto, acesso a crédito...**

Nossos governos planejam cidades para carros, e não para pessoas. Toda a lógica está na construção de infraestrutura para veículos. Dificultam o que se faz em cidades europeias, onde a opção é pela redução dos espaços de circulação dos automóveis em benefício tanto do transporte coletivo quanto da bicicleta. Paris, por exemplo, alargou em um metro e meio a via exclusiva de ônibus. Evidentemente, o trânsito de carros piorou...

**Se o pré-sal vai gerar uma quantia tão grande de recursos, não pode ser encarado como pertencente a certos locais”**

**Nossa Região Metropolitana está sendo preparada para ter pistas exclusivas para ônibus. São Paulo já tem.**

Sim, mas de maneira tímida. É preciso radicalizar para que as pessoas tenham nos ônibus uma real opção. Porque se é verdade que o carro é objeto de desejo, também é que quando conseguimos nos livrar dele nos sentimos muito mais livres.

**O senhor já conseguiu?**

Vou de bicicleta para a universidade, e moro a 15 minutos de uma estação de metrô. Minha família tem um carro que é usado só quando vamos viajar ou numa situação de emergência. Meu filho e minha nora, que moram no Rio de Janeiro e acabaram de ter um filho, optaram por não ter carro.

**As ações são mais voltadas para o lucro e menos para as pessoas?**

As empresas conseguiram fazer avanços significativos no sentido de uma economia verde, com redução das energias, dos materiais, das poluições que decorrem dos processos produtivos. Por exemplo: a empresa Patagônia lançou uma campanha para que as pessoas comprem menos roupa nova. Que elas troquem e consertem, e pensem duas vezes antes de comprar uma nova. É claro que em algum momento a compra tem que ser feita, mas uma empresa que assume esse compromisso com a ética ganha uma reputação fantástica! Esse é um exemplo de pensar nas pessoas. Porque esse pensar não deve ser só aquele em que a empresa diz que paga melhor ao empregado. Significa, além de cumprir obrigações referentes a trabalhadores, fornecedores e clientes, pensar no destino do

ADM: 058-2



BERNARDO COUTINHO

produto que está sendo fabricado. Para que ele serve, além de gerar empregos e impostos? Não é transformar a empresa numa organização de caridade, mas fazer com que a geração de valor seja medida pela capacidade de ela compartilhar esse valor com os diferentes segmentos sociais com os quais se relaciona, a começar pelo seu cliente. Aquilo que for produzido nesse sentido vai perder a força de estimular pessoas a fazerem uso cotidiano de um produto, quando ele deve ser excepcional. Isso já está acontecendo com bebida alcoólica, já aconteceu com cigarro, e tem que acontecer com refrigerante e cerveja. É um escândalo que no Brasil se veja propaganda de cerveja às 4 horas da tarde, durante jogo de futebol...

### Como reduzir pobreza mantendo um crescimento econômico sustentável?

Nunca, nos últimos 20 anos, foi tão rápida a incorporação de pessoas ao mercado de consumo, mesmo que ainda subsista uma quantidade de miseráveis inadmíssível no mundo – mais de 1 bilhão de pessoas. Estamos reduzindo a pobreza e melhorando a eficiência, mas a biodiversidade está num ritmo de erosão ameaçador, as mudanças climáticas não estão sendo revertidas, e, no ritmo atual, o consumo de materiais está nos levando a situações insustentáveis. Precisamos qualificar o crescimento econômico. É necessário se perguntar para que ele serve e a quem deve servir. Já há pesquisas que mostram que, a partir de um certo patamar de renda, o sentimento de bem-estar das pessoas não aumenta conforme a renda aumenta. Uma coisa é a economia crescer para oferecer às populações hospitais, escolas, bibliotecas, estradas, oportunidades de lazer e melhoria da qualidade de vida. Outra, é crescer como se o crescimento fosse uma finalidade em si mesmo. É preciso reduzir a desigualdade no uso dos recursos. E isso não é mais apenas uma questão de natureza ética, mas material. Porque se há um orçamento carbono limitado, onde você pode emitir tanto para atingir tal temperatura, quem tem o direito de fazer essas emissões? Diante da escassez de energia, de materiais e do próprio espaço carbono, como o uso dos atributos da vida econômica (matéria, energia, emissão) vai ser distribuído, tendo em vista a sua escassez?

### Um tema polêmico hoje, no país, refere-se à proposta do novo Código Florestal, cujo relator é o deputado Aldo Rebelo (PC do B-SP), que tem uma história de luta democrática...

É uma visão do Movimento Comunista dos anos 50, com um marxismo de tu-barão e peixinho. Uma visão segundo a qual existem interesses internacionais que procuram inibir o crescimento do Brasil, e encontraram no Código Florestal uma forma de bloquear esse cres-

cimento, para que o gigante adormecido não desperte. É de um primitivismo intelectual que não está à altura das melhores tradições do Movimento Comunista mundial. Marx tremeria diante das besteiras do Aldo Rebelo. (risos)

### Quais são os riscos da aprovação na forma proposta?

Inúmeros. Chama atenção o contraste entre a convergência dos mais impor-

tantes cientistas brasileiros, com publicação em revistas internacionais de alta qualidade, das áreas de Biologia, Ecologia, Engenharia Florestal, na condenação do projeto de Lei que foi para a Câmara, e a posição da Câmara dos Deputados. Pouquíssimos acadêmicos defendem o fato de que esse projeto não ameça a integridade das florestas. A Academia Brasileira de Ciências lançou um documento condenando. A agricul-

tura não pode tolerar o desmatamento.

Vivemos num Estado que briga pela partilha dos royalties do petróleo – motivo de guerra entre produtores e não-produtores. E petróleo é um dos produtos que contribuem para emissão de gases de efeito estufa. Como pensar um mundo melhor sem fontes de energia poluidoras?

O pior jeito de receber os benefícios da exploração do petróleo é espalhá-los entre os municípios supostamente detentores dos direitos referentes a esse produto. Estrados produtores alegam maiores direitos, como forma de compensação. Mas direitos por quê? Por uma dotação natural? A renda derivada da exploração do petróleo é tão alta que deveria se concentrar, fundamentalmente, na busca de soluções energéticas de longo prazo, voltadas à descarbonização das diferentes fontes das quais dependemos para a nossa vida econômica. Esse desafio é extraordinário. Fazemos progressos na área do etanol, mas ainda engatinhamos em relação às fontes renováveis de energia. O avanço em energia eólica ainda é precário, em energia solar mais ainda, e precisamos de pesquisa em célula de hidrogênio. Ou seja, se o pré-sal vai gerar uma quantia tão grande de recursos, ele não pode ser encarado como pertencente a certos locais. Tem que ser voltado a uma estratégia nacional, definida em debate público. Defendo que a principal função é pesquisa para modificar completamente as bases energéticas da nossa economia. Porque embora tenhamos matriz energética muito menos poluída do que o restante do mundo, nossa economia é dependente de setores intensivos de energia, como os de transformação de minerais. Além disso, não temos planos consistentes de redução de consumo de energia domiciliar. Continuamos dependentes do chuveiro elétrico, o que é uma aberração.

### O que podemos fazer, em termos de sustentabilidade, para um mundo melhor?

Lembre-se da água que você usa para tomar banho, da energia. Não é o fato de poder pagar por elas que lhe dá direito de usá-las de maneira menos inteligente. E isso exige uma relação com os produtos que te leve a agir de forma diferente: reciclando, economizando, pensando no meio em que vai se transportar. Mas nada é tão impactante sobre a economia mundial, do que a alimentação. Temos uma alimentação cada vez menos saudável, pelo excesso de consumo de carne e de açúcar, por exemplo. O pouco que podemos fazer por nós mesmos é encarar o consumo como opção de natureza ética, sem que isso signifique uma postura punitiva ou culpada. Um compromisso com quem nos cerca e com o mundo.

### Abrahamovay: "Todos devem se empenhar para garantir a preservação do planeta"

# A FLORESTA ESTÁ EM NÓS. PRESERVE!

Acesse [www.florestasdoes.com.br](http://www.florestasdoes.com.br) e conheça o seu papel.

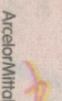


Florestas do ES  
@florestasdoes

Patrocínio Master



Patrocínio



Apoio Institucional



Realização

